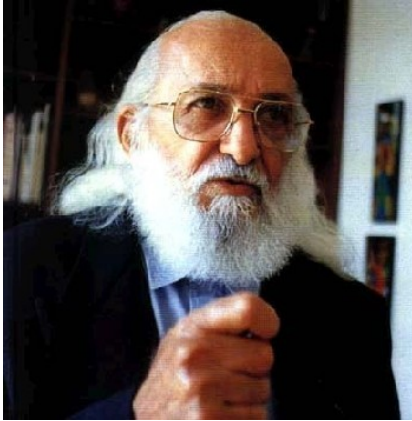


## A importância de ler Paulo Freire

Rodrigo da Costa Araújo - [rodrigoara@uol.com.br](mailto:rodrigoara@uol.com.br)



### I.

#### PRIMEIRAS PALAVRAS

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) o educador brasileiro que via como tarefa intrínseca da educação a construção do senso crítico pela verdadeira cidadania - e não apenas a mera formação para o mercado do trabalho - nasceu em Recife, no dia 19 de setembro de 1921 e faleceu no dia 02 de maio de 1997, aos 75 anos, em São Paulo.

O educador que revolucionou o ensino brasileiro escreveu mais de 50 livros e afirmava: “sou predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. [...] Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical, como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento”. (FREIRE, 1998, p.55)

Paulo Freire era, sobretudo, um modelo de filósofo da educação com marcas extremamente significativas que caracterizam seu discurso. Revolucionário, o educador afirmou que a educação está enraizada na realidade do homem, na busca de práticas que levam-no a um futuro melhor e transformador.

### II.

#### A LEITURA COMO ATO POLÍTICO

“Abrir o texto, fundar o sistema de leitura, não é, pois, apenas pedir e mostrar que é possível interpretá-lo livremente; [...] o jogo não deve ser aqui compreendido como uma distração, mas como um trabalho[...] ler é fazer trabalhar o nosso corpo ao apelo dos signos do texto, de todas as linguagens que o atravessam e que formam como que a profundidade cambiante das frases”. Roland Barthes

Ler, para Paulo Freire, poderia ser traduzido como o ato mesmo de viver, respiração que “não se esgota na descodificação pura da escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”, (FREIRE, 1986, p.11-3) nas relações sociais. A proposta do pequeno livro *A importância do ato de ler* pode ser entendida como base para a conscientização, primeiro passo para desvendar os valores ideológicos que permeiam as relações sociais.

Com a leitura do mundo - “palavramundo” - é possível, segundo o educador, entender os diversos discursos, é possível transformar-(se). Foi com essas intenções que criou e aplicou o método de alfabetização em diversos países. Esse método de alfabetização para adultos propiciava ao aprendiz, além do domínio da leitura e da escrita num curto prazo, um exercício crítico próprio dos problemas sociais, políticos e econômicos que o cercam, através da percepção dos conteúdos culturais, das relações dialógicas, como compreendeu Bakhtin.

Pelo método, a palavra - instrumento de poder e transformação - contribui para que o indivíduo se perceba a si mesmo, a linguagem passa a ser mecanismo de cultura, pois “educador e educando são sujeitos no processo: o primeiro aprende com a aprendizagem do segundo e este descobre o seu universo sobre a orientação daquele – sem qualquer atitude paternalista.” (SOTO, 1993, p.3).

Semelhante a Barthes, as palavras na pedagogia de Paulo Freire, são utilizadas como chaves semiológicas, são determinadas e escolhidas pela realidade do alfabetizando que passa a ter diante de si situações significativas que o estimulem associar uma imagem ao seu significado cultural e dialógico.

Nesse universos semiótico “palavra geradora” e “universo temático” são os dois conceitos fundamentais dentro do método Paulo Freire. O primeiro faz parte do contexto cultural do grupo a ser alfabetizado e o segundo uma forma de aplicação das palavras geradoras em situações de vida, no contexto de uso. O contexto figurativo daria, nesse caso, sustentação semiológica da palavra na mente do aprendiz e provocaria debates a propósito das experiências coletivas de cada um do grupo.

Palavra-texto-leitura seriam os postulados da lição de Paulo Freire para uma pedagogia da transgressão. “A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixe da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autoria. Esta forma viciada de ler não tem nada que ver, por isso mesmo, com o pensar certo e com o ensinar certo”, dizia Paulo Freire (1988, p.30).

### III.

#### FRAGMENTOS DE UMA UTOPIA

“Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal” (FREIRE, 1997, p.3).

“Aprendemos, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a” (FREIRE, 1988, p.76)

“[...] toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo ou contra alguém, nem sempre claramente referido. Daí também o papel apurado que goza a ideologia na comunicação, ocultando verdades mas também a própria ideologização no processo comunicativo” (FREIRE, 1988, p.158).

“ Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar” (FREIRE, 1988, p.163).

#### **IV.**

#### **UMA PEDAGOGIA DO RISCO**

Educar para Paulo Freire requer coragem e audácia apesar do desrespeito e da desvalorização do trabalho do professor em todos os níveis. Seus livros resgatam, querendo ou não, uma forma provocativa de ler a prática pedagógica e a concepção, muitas vezes distorcida, dessas ações. Aprender, para o renomado educador, “é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito” (FREIRE, 1988, p.77).

Todas as propostas do professor-filósofo defendem que o ser humano deve construir e pronunciar seu próprio discurso, sua própria palavra e não apenas repetir o que ouve. A palavra, ensina ele, deve ser o instrumento pelo qual o indivíduo se torna criador e sujeito de sua história. “Não sendo neutro, o processo educativo constitui uma ação cultural de libertação e dominação” (MAYRINK, 1997, p.3).

#### **V.**

#### **POSTULADOS DE UMA EDUCAÇÃO DIALÓGICA**

##### **Capítulo 1: Não há docência sem discência**

Ensinar exige rigorosidade metódica

Ensinar exige pesquisa

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos

Ensinar exige criticidade

Ensinar exige estética e ética

Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação

Ensinar exige o reconhecimento e assunção da identidade cultural

## **Capítulo 2: *Ensinar não é transferir conhecimento***

Ensinar exige consciência do inacabamento

Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado

Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando

Ensinar exige bom senso

Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores

Ensinar exige apreensão da realidade

Ensinar exige alegria e esperança

Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível

Ensinar exige curiosidade

## **Capítulo 3 : *Ensinar é uma especificidade humana***

Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade

Ensinar exige comprometimento

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo

Ensinar exige liberdade e autoridade

Ensinar exige tomada consciente de decisões

Ensinar exige saber escutar

Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo

Ensinar exige querer bem aos educandos (FREIRE, 1996)<sup>[1]</sup>

A educação para Paulo Freire “tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos” (FREIRE, 1983, p.28), afirmava.

O método que recebeu o nome do educador, - celebrado e respeitado mundialmente-, foi lançado nacionalmente no governo João Goulart, mas a ditadura militar proibiu a continuidade dessa proposta. Sua utopia, no entanto permanece viva, trava a reflexão na construção sistemática do pensamento pedagógico libertário, recusando, ao mesmo tempo, os discursos vazios e a prática descontextualizada.

Esse também foi o sentido do seu último livro, *A Pedagogia da Autonomia*, condição indispensável à natureza da educação. Paulo Freire com seu discurso transgressor e revolucionário nos faz refletir sobre os saberes necessários à prática de qualquer educador, sempre fundamentados, segundo sua poética-filosófica, numa visão de mundo alicerçada no diálogo, na pesquisa, na concepção crítica de mundo, na humildade, no bom senso, no risco e na curiosidade, na disponibilidade e, acima de tudo, no ato vivo e pulsante de ensinar e aprender.

## **BIBLIOGRAFIA**

BARTHES, Roland. *Escrever a leitura*. In: *O Rumor da Língua*. Lisboa. Edições 70, 1987. pp.27-29

\_\_\_\_\_. *Aula*. São Paulo. Cultrix. 2005.

CORDOVIL, Claudio. *A Educação como ato político*. Rio de Janeiro, J.B. 03.05.1997. p.3.

FREIRE, Paulo. *Minha primeira professora*. Rio de Janeiro, J.B. 03.05.1997. p.3.

\_\_\_\_\_. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1983.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Paz e Terra. 1996.

\_\_\_\_\_. *A importância do ato de ler*. São Paulo. Cortez. 1986. p.11-3

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo. Ática, 2006.

MAYRINK, José Maria. *Pedagogia se mantém atual*. Rio de Janeiro, J.B. 03.05.1997. p.3.

SANTOS, Milton. *Um guardião da utopia*. Rio de Janeiro, J.B. 03.05.1997. p.2.

SOTO, Ernesto. *Um método para transformar o homem*. Rio de Janeiro, J.B. 03.05.1997. p.3.

---

<sup>[1]</sup> Índice poético do último livro de Paulo Freire - *Pedagogia da autonomia. Saberes à prática educativa*.

## **Rodrigo da Costa Araújo**

Professor de Literatura Brasileira, da FAFIMA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé e Mestrando em Ciência da Arte pela UFF.

[rodricoara@uol.com.br](mailto:rodricoara@uol.com.br)